

- MOTTA, OTONIEL — **O Meu Idioma** — 5ª edição — Companhia Editora Nacional — 1929 — 248 págs.
- MOTTA, OTONIEL — **Israel, sua Terra e seu Livro** — S. Paulo — Heros Graphia Editora — 1930 — 92 págs.
- MOTTA, OTONIEL — **O Adorável Bilhete ou A Epístola a Philemon** — Publicação da A. E. B. Tipografia Heros Graphica Editora — 1930 — 40 págs.
- MOTTA, OTONIEL — **Selvas e Choças** — S. Paulo — Divulgadora — Cultural Brasileira — 2ª edição — 1922 — 186 págs.
- MOTTA, OTONIEL — **Os Lusíadas de Luiz de Camões** — Edição Escolar comentada. S. Paulo, Melhoramentos — 5ª edição — s/d — 402 págs.
- MOTTA, OTONIEL — **Do Rancho ao Palácio**. São Paulo, Editora Nacional, 1941. 194 págs. Coleção “Brasiliana”, vol. 204.
- MOTTA, OTONIEL — Série de opúsculos: **Uma passagem interessante, Novas Luzes, O Paraíso e o Céu, A pregação além-túmulo e Meu credo escatológico**. São Paulo, E.G. “Rev. dos Tribunais”, 1938.
- MOTTA, OTONIEL — Série de opúsculos publicados com o pseudônimo de Frederico Hansen: **Lutero e o Padre Leonel Franca, Lutero, a Bíblia e o Padre Leonel Franca, O Papado e o Padre Leonel Franca, A defesa do Padre Leonel Franca e A divinização do Papa**. São Paulo, s.c.p., 1933/34.
- MOTTA, OTONIEL — **O caso Anchieta-Bolês**. São Paulo, Ação Renovadora Cristã, 1942 (Reproduzido em “Notícia Bibliográfica e Histórica”, nº 83, agosto de 1977.)
- Jornais: O Estandarte**, 1953, 1958; **O Cristianismo**, 1951; **O Samaritano**, 1958.

*

O CENTENÁRIO DE FRANCISCO NARDY FILHO

Roberto Machado Carvalho

Ao ensejo das comemorações do centenário de nascimento de Francisco Nardy Filho — 1879 — 1979 — é oportuno registrar alguns aspectos da vida e obra do historiador, arquivista e cronista da tradicional cidade de Itu.

Cuidadoso e rigoroso no trato com os documentos, amigo incondicional dos arquivos públicos e particulares, dotado de uma invejável voca-

ção para a pesquisa histórica, Francisco Nardy Filho, realizou uma obra de largos méritos, cuja consulta é obrigatória para todos aqueles que desejam aprofundar pesquisas referentes ao passado paulista. Encontramos em seus dez volumes e inúmeros excertos um substancial elenco de documentos e informações, desde as origens dos mais antigos povoados de São Paulo até os acontecimentos mais significativos da República. Ao longo do tempo, situado entre essas balizas, trata da epopéia bandeirante a partir de uma típica “boca do sertão”, à antiga freguesia e vila de Itu, das expedições monçoeiras que, deixando o velho porto de Ararritaguaba, atual Porto Feliz, desciam pelas águas do Anhembi para devassar os territórios de Mato Grosso e Goiás, da participação de Itu, através de sua antiga e altiva Câmara Municipal, no processo de nossa independência política e posteriormente na abdicação do Imperador, da presença ituana na política do Segundo Reinado e nos fastos da guerra do Paraguai, na arrancada republicana com a Convenção de 1873 e, finalmente, nos acontecimentos que conduziram à abolição da escravidão, aos 15 de novembro e às “turras políticas” da velha República. O antigo localismo português que deu origem e crescimento ao município, com sua Câmara Municipal, as lutas e agruras dos ituanos no sentido de preservar a autonomia local, ocupam lugar de destaque na obra nardyana, sendo imprescindível para o melhor conhecimento de nossas raízes e evolução. Partindo do exemplo da velha Outu-guaçu, o autor de “A Cidade de Itu”, não descuro de outros aspectos típicos da vida de nossas populações ineterioranas. O econômico, o social, o religioso, o cultural e o biográfico estão presentes em sua obra. Conforme sua maior preocupação, isto é, revelar a história dos pagos de origem, explica a queda da mineração e o reerguimento da economia paulista em fins do século XVIII e primeiras décadas do XIX, através da cana-de-açúcar e mais tarde, da expansão cafeeira, a adaptação do homem do Planalto aos novos tempos de progresso a partir dos meados do oitocentismo, com os melhoramentos públicos urbanos, a quase pioneira Estrada de Ferro Ituana, a primeira indústria de tecidos de algodão movida a vapor na província de São Paulo, a melhoria dos transportes e a entrada do imigrante. Vai mais longe ao retratar as instituições ituana, deixando um excelente modelo de pesquisa para outros estudiosos aplicarem em suas localidades. Casas de caridade e assistência, igrejas e conventos, escolas, Câmara e Cadeia, empreendimentos sócio-econômicos, obras públicas como abertura de ruas e largos, calçamento, energia, abastecimento de gêneros e água, cemitério municipal, matadouro etc. Vários capítulos são dedicados à exaltação da vida e obra dos pró-homens de Itu, começando pelo fundador Domingos Fernandes e seu genro Cristóvão Dinis, seguidos pelos sesmeiros, sertanistas criadores de cidades, capitães-mores, chefes políticos, vereadores e alcaides, sacerdotes e beneméritos.

Em 1879, Itu, elevada à condição de cidade 37 anos antes, conhecida como tradicional burgo bandeirante e centro do liberalismo paulista,

situada a 17 léguas da capital, desfrutava pelo seu café e cana-de-açúcar uma posição de prestígio na província de São Paulo. Em qualquer caminho de acesso à cidade podia o viajante apreciar a silhueta das torres de velhas Igrejas com seus conventos, dos afamados colégios São Luís dos padres jesuítas e Nossa Senhora do Patrocínio das irmãs de São José, da fábrica de Tecidos São Luís pertencentes ao coronel Luís de Anhaia, dos vetustos sobradões de fazendeiros que, por essa época, já passavam a maior parte da semana na cidade. Chamava a atenção do visitante, o traçado regular de suas ruas e becos, algumas calçadas com as lajes da região admirava seus largos do Bom Jesus, local de nascimento da cidade em 1610, Matriz, Carmo e São Francisco e sentia a amabilidade e boa educação da gente ituana, povo simples e trabalhador, apegado às tradições familiares, assíduo freqüentador das missas, procissões e atos religiosos, amigo das festas populares, dedicado à faina da lavoura, às atividades do comércio, artesanato e serviços públicos. Os jovens de famílias abastadas estudavam nos melhores colégios ou seguiam viagem para os centros mais adiantados da época. São os Tibiriçá Piratininga, os Paula Sousa, os Paes de Barros mandando seus filhos para as Universidades européias e norte-americanas. Voltavam imbuídos de idéias liberais e preparados para participarem do movimento republicano. Alguns anos antes, Augusto Emílio Zaluar anotava em seu diário, a vocação liberal do povo ituano e fazia uma referência especial sobre os jovens “distintos pela sua educação e pelas prendas de sua inteligência”. Sobre a cidade, o viajante português admirou seu traçado, com ruas direitas e calçadas em sua maior parte. Comparou as construções com as melhores da capital, destacando “alguns prédios magníficos”. Entre estes, e com toda a certeza, o visitante referia-se ao casarão de Bento Dias de Almeida Prado, o Barão de Itaim, situado na antiga Rua do Carmo, onde hoje está o moderno prédio da Prefeitura, o sobrado construído em 1867 por José Vasconcelos de Almeida Prado, o mesmo prédio do atual Museu Republicano, os antigos sobrados dos Pereira Mendes e de João Tibiriçá Piratininga no largo da Matriz, ambos desaparecidos e as antigas residências do Dr. Francisco Emídio da Fonseca Pacheco, fazendeiro e chefe político e de D^a Inácia Joaquina Correia Pacheco e Silva, ambos na velha Rua Direita, felizmente ainda conservados. São raros remanescentes de nosso tão desprezado patrimônio arquitetônico colonial e imperial. Diga-se de passagem, que as demolições dos velhos edifícios de Itu, provocavam em Nardy Filho um sentimento de tristeza e pesar; em sua Cronologia ituana anotou “que os sobrados representavam verdadeiros guardiões das gloriosas tradições de Itu e que foram edificadas por ilustres beneméritos ituanos que neles viveram e faleceram”.

Desde o ano de 1864, as ruas e largos principais, eram iluminados pelos lampiões a querosene. A abastecimento de água vinha das bicas próximas e córregos marginais; os gêneros eram adquiridos no largo da Matriz,

onde tropeiros e sitiantes vendiam seus produtos ou nas casinhas do beco da Quitanda, atual Rua Madre Teodora, travessa do largo da Matriz.

Era assim, Itu em 1879, ano que assinala, no dia 11 de março, em casa de Francisco Antonio Nardy e D^a Maria Leopoldina de Sousa Nardy, o nascimento de FRANCISCO NARDY FILHO, o futuro estudioso e apaixonado pelas coisas de Itu. Descendia de velha estirpe bandeirante. Pelo lado paterno, o capitão Antonio Nardy de Vasconcellos, um dos fundadores do Clube Republicano de Itu e convencional de 1873, cujos ascendentes pertenciam aos Costa Aguiar e Barros Penteado, ilustres linhagens ituana e santista. Pelo lado materno, os Barreto Leme do Prado, os primeiros moradores de Campinas. Desta cidade deslocou-se para Itu, Francisco Barreto de Sousa, avô materno de Francisco Nardy Filho para formar a fazenda “São Carlos”, uma das melhores da região ituana. Homem de iniciativas arrojadas e praticante da benemerência, tornou-se muito estimado na cidade. Com o seu falecimento, os pais de Francisco foram morar na fazenda e aí cresceu o menino. Aos seis meses ficara órfão de mãe. Logo após, seu pai seguiu viagem para a Europa, onde fora estudar medicina na Universidade de Bruxelas, ali permanecendo sete anos. Com esses eventos familiares, a educação do pequeno Francisco ficou a cargo de sua avó paterna D^a Carolina da Costa Aguiar, que mais tarde, ele chamaria de “santa avozinha” e de seu tio Adolfo Nardy, ainda estudante na Academia de Direito do Largo de São Francisco. Ao cursar o último ano, já iniciado na advocacia, Adolfo Nardy resolveu trazer a família para São Paulo. Nomeado promotor público da comarca de Piracicaba, vai para a “noiva da colina” e ali, numa casa térrea do largo da Matriz, Francisco passa a maior parte de sua infância. Em Itu, residia o capitão Antonio Nardy de Vasconcellos, pai de Adolfo e avô paterno de Francisco. Em 1887, corre na família a notícia de sua doença. Foi quando o Dr. Adolfo, desejando estar perto do pai, levou toda a família para Itu, onde foram morar num sobrado da Rua da Palma. Foi a partir dessa época que Francisco tomou os primeiros contactos com a terra natal, conhecendo-a melhor, palmilhando por entre suas ruas estreitas, sentindo a imponência dos sobradões imperiais, admirando seus austeros varões e conhecendo os campos dos arredores com as freqüentes visitas à fazenda “São Carlos”, especialmente por ocasião da festa que marcava o início da moagem e o benzimento das moendas, quando beijava a mão do venerando e virtuoso vigário Padre Miguel Corrêa Pacheco. Era o desabrochar de profundos sentimentos afetivos, que Francisco Nardy Filho dedicaria durante a vida à sua sempre querida e lembrada Itu.

Alfabetizado em casa, por sua avó D^a Carolina, Francisco melhorou o aprendizado na escolinha particular de Francisco Martins de Mello e não Externato do maestro e compositor Tristão Mariano da Costa, mestre rigoroso, que exigia de seus alunos, disciplina, aplicação e obediência à religião católica.

Em suas reminiscências, Francisco lembra que o mestre Tristão costumava ensinar e argüir os discípulos portando uma régua, dessas que têm filetes metálicos nas quinas; o instrumento servia tanto para ponteiro quando utilizava o quadro-negro e mapas, como para corrigir algum menino que saísse da linha. E arremata: “era enérgico e bom mestre, com ele a gente, por bem ou por mal, havia de aprender”.

Foi assim que Francisco se preparou para ingressar, em 1891, aos 12 anos de idade, no Colégio São Luís, cujo renome aumentava a cada ano e ia além das fronteiras paulistas. Com os jesuítas, aprimora os estudos, cultivando uma intensa vida espiritual. A semente da religião desenvolveu-se em sua alma de adolescente, para mais tarde, produzir frutos no católico convicto, no homem de fé e sincero amigo da Igreja, especialmente dos padres da Companhia de Jesus. Itu, com a fundação, em 1867, do Colégio São Luís, foi a primeira cidade da província de São Paulo a receber os sacerdotes jesuítas na fase da restauração da Companhia. Ao relembrar os tempos do São Luís, Francisco referia-se aos Padres José Maria Mantero, Luiz Banio, Luiz Rossi, Luiz Yabar, Manoel de Lima, Raphael Galanti, Cesar Angelis e outros, todos “ótimos mestres, bondosos, se bem que enérgicos quando preciso”. Também pudera, éramos “500 alunos e se não houvesse essa férrea disciplina, aquilo seria uma balbúrdia”.

Quando, em 1917, deu-se a transferência do educandário para a capital, Nardy Filho sentiu amargamente e guardou certa frustração diante do fato irreversível. Dez anos depois, ao publicar seu 1º volume de “A Cidade de Itu” escreveu à pág. 161: “hoje não mais existe em Itu esse importantíssimo Colégio, não mais essa cidade pode-se orgulhar de possuir em seu seio esse modelar estabelecimento de instrução”. Mais adiante acrescenta: “a fundação do Colégio São Luís foi devida única e exclusivamente à generosidade e aos esforços dos antigos ituanos, que assim demonstraram o seu amor à sua terra e o cuidado que dispensavam à educação de seus filhos”.

Deixando o São Luís, na entrada da adolescência, Francisco vai para a fazenda “São Carlos”, mas logo percebe que o trato com a lavoura e a criação, estava longe de satisfazer suas aspirações. Reconhecia que precisava aproveitar os ensinamentos recebidos no São Luís. Incentivado pelo pai médico, resolve prosseguir os estudos. Aos poucos, vai demonstrando o gosto pela leitura e começa a redigir conselhos aos jovens, baseados nos princípios da moral cristã. Sente que o correr da pena era seu filão maior. Segue para a capital e vai cursar o Instituto de Ciências e Letras, ao lado de Júlio Prestes, Monteiro Lobato e Soares Hungria. Participa da fundação do Grêmio Literário “Álvares de Azevedo” e ajuda a lançar o jornal “O Paulista”, órgão do Grêmio, onde publica seus primeiros escritos. Prepara-se para o ingresso na Faculdade de Direito. Aproximava-se a passagem do século. A cidade sofre o impacto de uma segunda fundação. Era o

começo da grande disparada rumo ao progresso. O jovem ituano, habituado à vida provinciana de uma pacata cidade do interior fica aturdido com a cidade grande. Tudo lhe parecia um tanto estranho. Seu pensamento está voltado para a terra natal. A atração de suas origens era irresistível. Abandona então os estudos regulares e retorna a Itu, onde sempre desejou viver. O jovem, com pouco mais de vinte anos, desprovido do bafejo da fortuna como alguns de seus ascendentes, viu-se na emergência de trabalhar. A responsabilidade aumenta ao contrair matrimônio, em 1907, com D^a Maria Luiza Silveira e a chegada dos filhos Ignacio, Luiz Gonzaga, Maria Aparecida e José Maria. O meio, pouco ou nada oferecia. Para sobreviver, a receita era ministrar algumas aulas de alfabetização. E, assim mesmo, nos arrabaldes da cidade. Aluga uma modesta casa no bairro Pinheirinho, onde na capela do lugar, ensina as primeiras letras às crianças e adultos. Nos intervalos das aulas, Francisco rabiscava algumas notas. As tiras de papéis e o crescente exercício da pena já exerciam verdadeiro fascínio em sua vida diária. Inicia então uma fecunda atividade jornalística. A imprensa ituana tinha longa tradição. Os primeiros órgãos datam de 1860. Os primeiros trabalhos de Nardy Filho, de fundo moral ou religioso são publicados, em 1896, no jornal "A Cidade de Itu". Em 1904, exerce as funções de redator-secretário do jornal, que, nesse ano, chegou a circular diariamente. No ano seguinte, faz parte do grupo de fundadores do semanário "A Federação", órgão das Associações Católicas de Itu, cuja circulação ininterrupta até hoje, é um exemplo que dignifica a pequena imprensa do país. Sua colaboração no órgão aparece no mesmo ano da fundação. Percebe-se nas entrelinhas dos artigos, o novel pesquisador da história de Itu e o apologista das "glórias e monumentos de minha terra". Tal tendência vai-se acentuando com os anos. Logo aparecem as primeiras crônicas, em estilo leve e saboroso, abordando os feitos de antigos ituanos. Em 1920, ingressa nos Correios e Telégrafos, emprego que lhe dá maior tranquilidade. Nesse mesmo ano, passa a integrar o quadro social do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Durante a década de 20 realiza um paciente trabalho de recuperação dos velhos documentos de Itu. Folheia e faz anotações das atas, ofícios e representações da Câmara, dos livros do tombo das Igrejas Matriz e Carmo e dos antigos jornais ituanos. Familiariza-se com as obras de Frei Gaspar da Madre de Deus, Azevedo Marques, Machado de Oliveira, Pe. Raphael Galanti, Joaquim Leme de Oliveira César, o primeiro a escrever sobre "Notas históricas da Cidade de Itu", publicada no vol. 25, ano 1927, da Revista do IHGSP, e Antonio Augusto da Fonseca e seus "Tipos Ituanos", inseridos nos dois primeiros volumes da Revista do Instituto. A mancheias, escreve crônicas, baseadas em rigorosa documentação. É solicitado por todos os jornais de Itu e cidades vizinhas. Já havia publicado seu primeiro livro, "Notas Históricas do Convento do Carmo" (1919). A atividade intelectual, como soi acontecer nas pequenas cidades, leva Francisco a uma posição de destaque na sociedade. Muito modesto e sem aspirações quanto a

posições de mando, é, entretanto, requisitado para novas funções. Ocupa cargos de professor no principal Grupo Escolar, o “Cesário Mota” e participa da política do Partido Republicano, preferindo a facção dos “jagunços” liderada pelo Cel. Antônio de Almeida Sampaio. Nada impedia, entretanto, de reservar longas horas para a pesquisa. O estudo da gente e dos fastos ituanos era o seu forte.

Quando em 1934, por motivo de promoção no serviço público, foi transferido para São Paulo, intensificou as pesquisas. Recebe um honroso convite de D. Duarte Leopoldo e Silva para dirigir o Arquivo da Cúria Metropolitana, frequênta com assiduidade o Arquivo Público do Estado, onde remexe os manuscritos e impressos dos maços de Itu. Em 1935, inicia uma brilhante colaboração em “O Estado de São Paulo”, onde, até 1958, pouco antes de sua morte, publica 548 crônicas e artigos históricos, abordando temas referentes a Itu, São Paulo, Sant’Ana do Parnaíba, Porto Feliz, Capivari, Monte-Mor, Piracicaba e outras cidades. Acontecimentos políticos, festas religiosas, manifestações folclóricas, biografias, história das mais variadas instituições, casos policiais etc., aparecem nesses escritos. Dava especial preferência à exaltação das glórias de sua terra, considerando que “povo feliz foi o ituano que teve para guiá-lo, para orientá-lo no seu acendrado amor à liberdade e à terra brasileira, dois de seus mais diletos filhos: Francisco de Paula Sousa e Mello nas pugnas pela nossa independência e João Tibiriçá Piratininga nas lutas em prol da liberdade, concretizada no ideal republicano”.

Francisco Nardy Filho, debruçado sobre velhos papéis, amarelados e corroídos, manteve sempre a principal virtude do historiador, isto é, a fidelidade aos documentos. Muitos foram transcritos em sua obra, acompanhados de breves ou longas explicações. Em 1928, lança o 1º volume de “A Cidade de Itu” dedicado ao histórico da fundação de Itu, onde transcreve o inédito testamento de Domingos Fernandes, da criação da vila, comarca, cidade e município e dos principais monumentos ituanos. O 2º volume aparece em 1930 e trata da participação de Itu nos grandes lances da história pátria, desde a aclamação de D. João VI até a República. Ao escrever o prólogo, Nardy Filho diz que se sentia recompensado ao publicar o 1º vol., pois “os ituanos souberam dar valor ao meu trabalho, manifestando o prazer que sentiram ao conhecer os feitos de seus antepassados”. E era isso o que desejava. Modesto e grato, duas qualidades humanas do autêntico homem de letras, Nardy Filho agradecia ao abonado ituano e chefe político José de Almeida Sampaio Sobrinho, o apoio financeiro que possibilitara a publicação dos dois volumes. Somente vinte anos após foi possível o lançamento do 3º volume. A mudança para a capital e as dificuldades de promoção da obra justificam o longo intervalo. Nesse meio tempo, porém, o historiador não descansou e foi produzindo outros trabalhos, os quais, embora de menor fôlego, são de grande valia. Publica três biografias: “O Pe. Bento Dias

Pacheco" (1931), "O Vigário Pe. Miguel Corrêa Pacheco" (1933) e o "Pe. Antonio Pacheco da Silva", o primeiro Apóstolo dos lázaros no Brasil (1950). Comemorando o centenário de fundação da Santa Casa de Misericórdia de Itu, sua Mesa administrativa resolveu publicar o histórico do hospital. Convida Francisco Nardy Filho para o trabalho. O historiador consulta relatórios, atas e assentamentos da instituição, relê os apontamentos que possuía e as anotações do médico Dr. Braz Bicudo de Almeida, que, como secretário da Irmandade, possuía um histórico com a relação completa de todas as Mesas Administrativas. Em 1940 é lançado o volume. Nardy Filho reafirma em nota de introdução, que só aceita e publica aquilo que a "documentação exata nos contar". Fala das origens das Santas Casas em Portugal e Brasil, antes de tratar da entidade ituana, quando aborda os fundadores e provedores, os primeiros capelães, médicos e as irmãs de São José que exerceram funções no hospital e conclui com as reformas e melhoramentos no velho edifício da Rua da Palma, atual Rua dos Andradas.

Em 1949, aparece a magnífica colaboração para o estudo das origens de nosso parque industrial. Trata-se da "Fábrica de Tecidos São Luiz de Itu", a primeira fábrica de tecidos a vapor fundada em São Paulo, histórico de sua fundação e dos seus primeiros anos de atividade, graças ao pioneirismo do Cel. Luiz Antonio de Anhaia. Entre as inúmeras congratulações, Nardy Filho recebeu uma carta do escritor, historiador e grande benfeitor de Itu, o Dr. Luiz Gonzaga Novelli Jr., que bem interpreta o valor da obra: "Meu caro F. Nardy Filho. Acabo de ler sua plaqueta histórica sobre a Fábrica de Tecidos São Luiz, de nossa querida terra natal, a velha e gloriosa cidade de Itu. Fiel ledor de seus trabalhos, não me causou admiração encontrar nessas páginas um documentário de tanto interesse e valia sobre a primeira fábrica de tecidos a vapor de São Paulo. Ficam-lhe devendo nossa terra e nossas letras mais esse serviço à restauração da verdade e à propaganda de nomes ilustres, que tanto labutaram pelo engrandecimento de nosso incipiente parque industrial. Muito grato pelos momentos de prazer intelectual que me proporcionou, cumprimento calorosamente pelo trabalho que, suprimindo uma lacuna, vem enriquecer as páginas de nosso documentário. Sinceramente seu admirador Novelli Jr. São Paulo, 19 de outubro de 1949."

Os dois últimos volumes de "A Cidade de Itu" foram lançados em 1950 e 1951, sob o patrocínio da Prefeitura e Câmara Municipal de Itu. O 3º abrange 79 crônicas publicadas em jornais, sobretudo "O Estado". O autor explica que todas foram escritas "a par da fidedigna documentação e referem-se à vida e costumes de Itu antigo." Sua intenção era, mais uma vez, servir à terra em que nascemos e sinceramente amamos, procurando torná-la conhecida, contando a sua bela e gloriosa história. O 4º volume está dividido em duas partes: uma Cronologia ituana de 1604 a 1610 e mais 21 crônicas.

Boa parte da obra nardyana permanece praticamente desconhecida das novas gerações. Basta dizer, que o número de crônicas ou artigos publicados na imprensa ultrapassa a casa dos mil. O poder público ituano está anunciando a reedição para este ano do centenário dos volumes de Francisco Nardy Filho, acrescidos do 5º volume de "A Cidade de Itu" que o ituano Emérito deixou em manuscrito. Trata-se de uma iniciativa que, se concretizada, será digna dos maiores aplausos. Oportuno também seria o lançamento de uma coletânea das crônicas, a exemplo de Porto Feliz, que, através de uma empresa particular, está preparando uma série de artigos de F. Nardy Filho sobre a velha Araritaguaba.

*

PERIPÉCIAS RELIGIOSAS

Tristão de Athayde

Desde que, há onze anos, pouco antes de falecer tão prematuramente, João Camilo de Oliveira Torres publicou sua obra capital sobre a **História das idéias religiosas no Brasil** (ed. Grijalbo), tem crescido, de ano para ano, o número dos que se vêm ocupando com o tema e suas criações, como João Alfredo Montenegro e sua **Evolução do Catolicismo no Brasil** (Vozes, 1972) ou **O pensamento católico no Brasil** (Zahar, 1975) de Antônio Carlos Vilaça e seu estudo sobre a Questão Religiosa. Neste próprio ano de 1979, mais dois volumes vêm enriquecer essa bibliografia, outrora tão escassa: **A Igreja e a Política no Brasil** (Lisboa, Sá da Costa) de Márcio Moreira Alves e **Igreja e Estado em tensão e crise**, de Tales de Azevedo (Ática). Ainda mais recentes os livros sobre Puebla de frei Beto e de Irineu Guimarães e o mais recente volume da obra teológica considerável de frei Leonardo Boff (**O rosto materno de Deus**, ed. Vozes). Sem falar de obras anteriores de Thomaz Bruneau, **O Catolicismo brasileiro em época de transição** (1974) e **Formação do Catolicismo brasileiro** (1974) de Eduardo Hornaert. É toda uma floração de obras do mesmo tipo, a que, de certo modo, podemos acrescentar o volume sobre o Irã (ed. Expressão e Cultura, 1979), em torno do problema da revolução iraniana de tipo teocrático. E a viagem de João Paulo II à Polônia é o grande acontecimento da hora.

Tudo isto mostra como está desatualizada a famosa sentença marxista de "religião, ópio do povo". O fenômeno religioso, em todos os tempos e em toda parte, pode ser encarado como pensamento, como sentimento e como instrumento. A teologia, em suas variadas concepções, é o aspecto do pensamento especulativo e filosófico da religião. A fé, como sentimento, é a sua natureza afetiva e temperamental. Enquanto o seu aspecto instrumental é a religião como meio de ação.